



## **As fontes de informação na comunicação das ONGs ambientalistas<sup>1</sup>**

Maura Voltarelli Roque<sup>2</sup>  
Glauco Rodrigues Cortez<sup>3</sup>

Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP

### **RESUMO**

O presente artigo tem como principal objetivo analisar a capacidade jornalística, em especial as fontes de informação utilizadas por ONGs ambientalistas para estabelecer a sua comunicação com a sociedade, sob a ótica dos espaços de comunicação. O estudo das fontes pretende dar uma contribuição para entender a dificuldade dos atores sociais em provocar mudanças em relação ao meio ambiente, o que poderia ser feito por meio de uma efetiva comunicação desses atores com a sociedade.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Fontes de informação; ONGs Ambientalistas; Espaços de Comunicação

### **TEXTO DO TRABALHO**

#### **Introdução**

O tema principal deste trabalho de pesquisa é a análise das fontes de informação das ONGs ambientalistas sob a ótica dos espaços de comunicação (CORTEZ, 2005). Basicamente, o trabalho busca investigar por meio de pesquisa qualitativa os tipos de fontes utilizadas pelas ONGs em matérias produzidas por seus veículos de comunicação, principalmente sites na internet. As fontes foram analisadas em relação a dois aspectos principais: qualidade jornalística (por exemplo, fonte direta ou indireta) e amplitude. Com isso, a pesquisa procurou identificar a política comunicacional das ONGs em relação a utilização de fontes para produção das matérias a fim de verificar sua capacidade de comunicação com a sociedade.

Uma vez utilizadas pelas ONGs, coube à pesquisa traçar um panorama das fontes procurando verificar se elas eram apropriadas para falar de determinado assunto e se havia uma diversidade de fontes que representasse diversos segmentos sociais, áreas do conhecimento e estabelecesse um diálogo amplo com a sociedade. Em um segundo momento, a partir dessa análise qualitativa das fontes foi estabelecida uma relação entre as fontes de informação utilizadas pelas ONGs ambientalistas e espaços de comunicação. Este consiste, principalmente, em um espaço de mediação dos conflitos e

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado no Intercom Júnior - Jornalismo, X Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Estudante de graduação, 8º semestre do curso de Jornalismo da PUC-Campinas, e-mail: ma\_voltarelli@yahoo.com.br

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da PUC-Campinas, e-mail: glauco\_cortez@yahoo.com.br



estabelecimento de consensos no contexto de uma sociedade que se faz cada vez mais múltipla, diversa, segmentada, dinâmica, eminentemente tecnológica e multifacetada. O espaço de comunicação absorve esta diversidade e multiplicidade do tecido social e consegue pairar acima dela, abarcando e atingindo uma maioria exatamente por não se restringir a um único tema específico ou às demandas de uma única classe social. O espaço de comunicação não se fecha em torno de si mesmo para ser reconhecido enquanto tal; ele encontra sua legitimidade justamente na diversidade, processo que se dá principalmente por meio de uma proposta de comunicação ampla, democrática, que não tem espaço e sim cria espaço, não usa a tecnologia, é a própria tecnologia que aspira certa hegemonia (CORTEZ, 2005).

O objetivo principal desta pesquisa é verificar se as ONGs ambientalistas são capazes de constituírem espaços de comunicação por meio de uma análise das fontes utilizadas por estas no seu processo de comunicação com a sociedade.

A hipótese defendida por este trabalho é a de que as ONGs ambientalistas não se constituem plenamente como espaços em seus projetos de comunicação porque não contemplam a variedade e multiplicidade do tecido social, limitando-se a uma temática predominantemente ambiental, o que tem como consequência direta a diminuição do impacto que essas ONGs provocam na sociedade. Ainda que sejam entidades que trabalham com o meio ambiente, a comunicação mediadora exige uma capacidade de diálogo social que extrapola os limites temáticos da própria entidade. No mesmo movimento em que as ONGs se limitam a um único tema, meio ambiente, abarca-se apenas um segmento de público, aquele que possui interesse nas questões ambientais. Os outros setores sociais não são contemplados nos seus interesses e, com isso, a ONG perde em abrangência e alcance comunicacional, conseqüentemente, limita sua mensagem a um número reduzido de pessoas e tem dificuldade de promover mudanças efetivas no comportamento da sociedade em relação ao meio ambiente.

Após essa introdução, dividimos esse artigo em três momentos: o primeiro é a revisão bibliográfica sobre fontes de informação de forma a dar uma compreensão sobre a discussão teórica recente. A segunda etapa compreendeu uma pesquisa documental feita por meio da análise dos sites das ONGs ambientalistas, particularmente, das fontes de informação utilizadas por estas ONGs. As fontes foram descritas no que diz respeito à sua qualidade jornalística, diversidade e amplitude social. Em um terceiro momento e, como etapa conclusiva do presente artigo, foi feita uma relação entre as fontes de informação levando em consideração uma análise quali-quantitativa dos resultados, em



que se buscou um ponto de encontro, uma relação direta entre a concepção e amplitude das fontes de informação utilizadas pelas ONGs e a lógica de existência, construção e conquista de um espaço de comunicação e mediação cultural na contemporaneidade.

### **A fonte jornalística**

Nilson Lage (2006) analisa a fonte de informação como um dos elementos básicos e constituintes de uma boa reportagem. O autor não só apresenta e define a fonte jornalística, como também a discute e elabora respostas para questões que surgem diante do relacionamento do jornalista com essa outra pessoa da qual ele não sabe quais são os reais interesses, as chances de ela lhe dar uma declaração falsa ou verdadeira, o que a motiva, bem como o que pode estar por trás dessa ou daquela atitude tomada por ela.

Um dos pontos enfatizados por Lage em sua análise das fontes de informação jornalísticas diz respeito à necessidade de prestar atenção ao discurso da fonte; todos têm seus interesses e Lage mostra que a fonte, muitas vezes, pode não mentir, mas isto não é garantia de que ela esteja dizendo a verdade. Muitas fontes, especialmente políticos, são treinadas para estar convencidas daquilo que dizem, e, conseqüentemente, se mostrarem convincentes perante a opinião pública.

Lage (2006) também fala sobre a natureza das fontes. Em uma primeira categoria as divide em oficiais, oficiosas e independentes. E afirmam que fontes oficiais falseiam a realidade por motivos dos mais variados, que vão desde a preservação de interesses estratégicos até o benefício de grupos dominantes. Segundo ele, a sonegação de informações também é comum entre as fontes oficiais. Já as oficiosas, como não falam oficialmente em nome de uma instituição, representam muito mais seus interesses particulares, revelando, algumas vezes, fatos que permanecem escondidos sob o discurso das fontes oficiais.

As fontes independentes estão ligadas principalmente às chamadas Organizações Não Governamentais (ONGs) no Brasil e Organizações sem fins-lucrativos nos EUA. Em relação a elas, Lage também alerta que é preciso ter cautela no que diz respeito ao discurso por elas proferido, já que membros dessas organizações defendem uma causa ou interesse específico e, em alguns casos, podem chegar a manipular dados da realidade para que o seu interesse e a sua causa primeira não sejam afetados.

Em uma segunda categoria, Nilson Lage classifica as fontes em primárias (fornecem fatos, versões e números) e secundárias (são consultadas para a construção de premissas). Lage cita um exemplo para tornar didática a explicação: no caso de uma



descoberta acidental de peças antigas, a fonte primária seria os descobridores que forneceriam as primeiras informações e impressões do acontecimento, mas quando em um segundo momento, confronta-se a opinião deles com a de um historiador ou com documentos do arquivo municipal, que seriam as fontes secundárias, tem-se uma averiguação mais completa da informação.

Mário Erbolato (2006) classifica as fontes como diretas, indiretas e adicionais. Segundo ele, as diretas são pessoas ou documentos envolvidos diretamente com o fato. As fontes indiretas são pessoas ou documentos que sabem de um fato apenas circunstancialmente, mas não estão diretamente envolvidas com ele. Fontes adicionais seriam aquelas que fornecem informações suplementares ou ampliam a dimensão da história. A necessidade de apuração de todos os dados colhidos pelo repórter é também discutida pelo autor, que estabelece as cinco formas para a apuração da notícia. São elas: observação direta, coleta, levantamento, despistamento e análise (ERBOLATO, 2006).

Já Luciene Tófoli (2008) busca uma definição de fonte que além de incorporar os aspectos inerentes à fonte no que diz respeito à sua constituição objetiva, também incorpora as questões ideológicas e de interesse que movem e orientam o discurso da fonte, sendo capaz demonstrar ou omitir algo que interesse à sociedade, a ela própria (fonte), ou à empresa ou instituição em que se trabalha (TÓFOLI, 2008).

A autora assegura um espaço em sua reflexão sobre a fonte de informação jornalística para discutir os critérios que orientam a escolha de uma fonte no sentido de ilustrar uma reportagem, servindo de elemento de apuração e posterior noticiabilidade de um fato específico delimitado no tempo e no espaço. O primeiro critério do qual ela trata diz respeito à autoridade que a fonte tem para falar sobre o assunto. A autora lembra que, muitas vezes, o status da fonte não quer dizer que ela necessariamente tenha conhecimento sobre determinado assunto, neste caso, ao escolher uma fonte apenas pela sua qualificação e não pela informação propriamente dita que esta possa vir a oferecer, o jornalista pode incorrer em um equívoco que só será notado no momento em que a pessoa tiver que expor um conhecimento que, na realidade, ela não possui.

Diante desse fato, Tófoli lembra outro critério a ser observado na escolha da fonte, além da autoridade que esta tem que ter para falar de determinado assunto, é necessário observar a credibilidade dessa fonte. “É inegável que muitos analistas financeiros podem falar sobre negócios. Porém é preciso saber até que ponto o que eles dizem é credível” (TÓFOLI, 2008, p. 52).



A questão da escolha das fontes de informação e dos critérios a orientar essa escolha também é discutida pela jornalista Cremilda Medina(2004), que vê a escolha da fonte de informação como ponto de partida para a entrevista. No entanto, por trás daquilo que parece ser um simples processo de escolha, a autora vê uma espécie de ditadura da oferta de fontes e uma predeterminação de quem se deve ouvir no contexto de um processo autoritário de produção noticiosa. “A predeterminação de quem se deve ouvir na reportagem é inerente ao jornalismo acoplado a grupos de poder (econômico ou político ou cultural)” (MEDINA, 2004, p. 35).

Consequentemente, como diz Medina, este autoritarismo institucional acentuou a limitação de vozes no circuito da comunicação coletiva e, em última instância, fez com que a pluralidade dos pontos de vista fosse negada à sociedade brasileira através do grande sistema da indústria cultural. Outra consequência desta realidade foi o reforço da voz oficial em detrimento das vozes anônimas, do debate nacional. Nas palavras de Medina, “verificou-se a extrema centralização de fontes de informação em todos os temas (pautas) que diziam respeito diretamente a qualquer cidadão brasileiro”(MEDINA, 2004, p. 36).

Em diferentes situações narradas em seu livro, Medina procura mostrar que aquilo que realmente está em jogo e se faz importante é a seleção de fontes de informação promovida pela pauta dos meios de comunicação, uma seleção que apenas se fará justa e abrangente a partir do momento em que buscar a descoberta e renovação das fontes de informação na permanente busca daquilo que a autora chama de Diálogo Possível. “A seleção das fontes de informação terá de se enriquecer através da pluralidade de vozes e, ao mesmo tempo, da qualificação humanizadora dos entrevistados descobertos”(MEDINA, 2004, p.37).

Um dos elementos que se faz mais importante nessa relação entre o jornalista e a fonte diz respeito ao contraditório. O jornalista deve sempre dar voz ao maior número possível de fontes envolvidas em determinado fato, dar espaço para opiniões e versões diferentes que tornam, em última instância, a sua representação da realidade mais próxima desta última. Sobre essa questão do direito ao contraditório e também sobre a responsabilidade do jornalista em sua relação com as fontes de informação, Felipe Pena (2005), chama atenção para o fato de que no jornalismo “não há fibrose. O tecido atingido pela calúnia não se regenera. As feridas abertas pela difamação não cicatrizam. A retratação nunca tem o mesmo espaço das acusações” (PENA, 2005, p.113).



Em relação a essa função do jornalista em dar espaço para o contraditório e ouvir o maior número de versões possíveis sobre o mesmo fato também falam os autores Bill Kovach e Tom Rosenstiel (2003). Eles afirmam que o jornalista se apoia em uma disciplina pessoal para testar e fornecer a informação. “Essa disciplina consiste, entre outras práticas, em procurar várias testemunhas de um fato, descobrir novas fontes, indagar sobre os vários lados de uma questão (KOVACH, ROSENSTIEL, 2003, p. 112).

De forma geral, todos os autores aqui citados deixam claro que fonte e jornalista têm uma relação quase que mutualística. É claro que é uma relação repleta de interesses, mas que estes fiquem explícitos para que a informação possa também ser a mais clara possível. No entanto, quando se fala em fonte de informação, além de definições, classificações, relação entre fonte e jornalista, critérios a serem seguidos no momento da escolha, é necessário ter uma visão mais ampla e reconhecer que sempre há um discurso se materializando na voz emitida por qualquer fonte de informação, no qual coexistem outras tantas vozes que se articulam e dão uma forma final a este discurso, como mostra Foucault (2009). A fonte de informação jornalística é a portadora legitimada do discurso. Portanto, ao falar de fonte de informação jornalística, não é possível esquecer as articulações, produções e construções inerentes ao discurso e que se estabelecem nas relações de diálogo com o outro, de modo que este outro se manifeste como ser social, de relação, conflitos, contradições e complexidades.

Um ponto interessante da fala de Foucault (2009) no que diz respeito às articulações, limitações e construções inerentes ao discurso é a explicitação dos procedimentos de controle e delimitação do discurso, tanto os que se exercem do exterior, quanto os que se exercem do interior. A partir dessas considerações, pode-se empreender uma análise a respeito das limitações que são inerentes ao discurso de toda e qualquer fonte de informação. Tomando por base o que diz Foucault, se o discurso da fonte é articulado a partir de um autor principal (a própria fonte) ele já nasce limitado e, portanto, também não pode ser entendido como algo absoluto. No caso do jornalismo, o discurso da fonte não pode ser encarado como a prova irrefutável da verdade de um fato, haja vista, as limitações a ele inerentes. “Pede-se que o autor preste contas da unidade de texto posta sob seu nome, pede-se-lhe que revele, ou ao menos sustente, o sentido oculto que os atravessa; pede-se-lhe que os articule com sua vida pessoal e suas experiências vividas, com a história real que os viu nascer”(FOUCAULT, 2009, p.28).



As fontes de informação são sempre selecionadas e qualificadas, como já visto, há critérios que orientam a escolha das fontes jornalísticas; não é qualquer um que pode falar em qualquer circunstância, ou seja, no discurso jornalístico verifica-se a rarefação dos sujeitos que falam, tal como diz Foucault, bem como as áreas abertas e fechadas do discurso que se torna restrito pelas suas próprias interconexões. “Não nos encontramos(...) senão obedecendo às regras de uma “polícia” discursiva que devemos reativar em cada um de nossos discursos” (FOUCAULT, 2009, p. 35). Pode-se dizer também que há uma certa ritualidade nos procedimentos de qualificação e seleção de fontes de informação no discurso jornalístico, assim como, para Foucault, há uma espécie de ritualidade na qualificação dos indivíduos que falam.

A forma mais superficial e mais visível desses sistemas de restrição é constituída pelo que se pode agrupar sob o nome de ritual; o ritual define a qualificação que devem possuir os indivíduos que falam [...] define gestos, os comportamentos, as circunstâncias, e todo o conjunto de signos que devem acompanhar o discurso; fixa, enfim, a eficácia suposta ou imposta das palavras (FOUCAULT, 2009, p. 39).

As fontes devem ser reconhecidas e entendidas a partir da ótica de seus interesses, elas nunca são ingênuas, assim como também não se faz o próprio jornalista. Ver as fontes de informação de maneira mais cuidadosa e responsável é o primeiro passo para que o jornalista saiba usá-las em benefício do interesse público e da informação.

#### **As Fontes nos espaços de comunicação das ONGs ambientalistas**

As fontes de informação são matéria prima básica para o exercício do jornalismo, como já exposto neste artigo, são elas que conferem credibilidade a uma notícia, ao relato do cotidiano, e também são elas que ilustram uma informação fazendo com que esta se constitua em uma representação que seja o mais fiel possível à realidade representada. A fidelidade ao real dependerá da variedade das fontes de informação ouvidas, bem como da sua qualificação enquanto fonte competente. Quando se pensa na lógica dos espaços de comunicação que se legitima, acima de tudo, pela variedade de temas tratados, pela arte de estar acima dos conflitos particulares e mais próximo do interesse geral, abarcando e de fato mediando culturalmente as diferenças sociais, econômicas e políticas, entende-se a importância da fonte de informação para todo e qualquer processo de comunicação. A lógica dos espaços de comunicação é a construção permanente de um deslocamento de sua própria origem, ou seja, um processo construtivo que tenta se legitimar por si mesmo, independente dos grupos sociais produtores desse espaço. Quando os produtores exercem um controle rígido



sobre o processo de comunicação, ele torna-se incapaz de realizar um diálogo amplo frente aos diversos setores da sociedade.

Para que a comunicação se efetive de fato e exista um real espaço de comunicação, é de se reconhecer que as fontes que constroem, ilustram e dão forma a uma notícia precisam ser polissêmicas para que o tema tratado na notícia, ou seja, a pauta, possa ser trabalhado da forma mais isenta, completa e abrangente possível. Existe uma relação direta que se estabelece entre pauta, fonte jornalística e a própria lógica dos espaços de comunicação. Para que um veículo de comunicação ou qualquer entidade não governamental, como no caso das ONGs se legitimem enquanto espaços mediadores primeiramente a pauta destes veículos ou entidades não pode ser limitada sempre aos mesmos assuntos e temas. Ela deve ser abrangente, capturar a diversidade social à qual é inerente uma variedade de demandas culturais. Da mesma forma, as fontes não podem ser sempre as mesmas, porta-vozes de um único grupo social, defensoras de um único ponto de vista e em hipótese alguma desqualificadas para falar sobre determinado assunto. É da variedade de temas e da variedade de vozes a falar sobre esses temas que se faz uma verdadeira comunicação marcada pelo espírito da mediação cultural que, acima de tudo, resvala na pluralidade, no dinamismo, na identidade da sociedade como um todo e não apenas desta ou daquela classe com este ou aquele interesse específico.

Tomando como base essas considerações que relacionam a lógica e importância da fonte jornalística com os espaços de comunicação, uma análise das fontes de informação utilizadas na comunicação de dez ONGs ambientalistas do interior do estado de São Paulo, selecionadas como objeto de estudo desta pesquisa, foi feita com o objetivo principal de identificar a amplitude e concepção destas fontes (qualitativa), bem como o número e a frequência de vezes em que as fontes de informação aparecem nas notícias veiculadas nos canais de comunicação das ONGs com a sociedade (quantitativo), para que a partir daí uma conclusão possa ser traçada a respeito da constituição ou não destas ONGs como espaços de comunicação mediadores.

A AIPA (Associação Ituana de Proteção Ambiental) desenvolve projetos como o Jornal Urtiga, a Rede AIPA de informações Ambientais e divulgação de informações associados e imprensa, realização de palestras, oficinas, entre outras atividades. Nota-se, de fato, a partir destes exemplos, uma postura ativa e uma vontade de comunicar da ONG que reconhece, por meio de suas ações, a importância da comunicação no que diz respeito à visibilidade e eficácia de suas ações junto à população.





Analisando as principais matérias publicadas em 18 edições do Jornal Urtiga no período de dezembro de 1999 a dezembro de 2005 observa-se que de um total de 18 matérias analisadas, sendo uma de cada edição, todas as 18 têm como pauta o meio ambiente ou questão relacionadas à temática ambiental. Em relação às fontes de informação utilizadas, elas aparecem apenas em oito das 18 matérias. Verificou-se nas oito matérias um total de 14 fontes diretas e todas qualificadas para ilustrar o assunto abordado nas matérias. Algumas fontes se repetem com frequência nas matérias analisadas, entre elas estão Mauricio Dantas, geólogo, citado em duas matérias, uma de novembro/dezembro de 2004 e em abril/junho de 2005, e Marcelo Mattiuci, que em uma das matérias, publicada no período de março/abril de 2004, e em outra, publicada em novembro/ dezembro de 1999, aparece como coordenador Ambiental da AIPA, ou seja, uma fonte da própria instituição. Um destaque deve ser dado para a matéria “Agricultura ecológica em alta”, publicada na edição 143 do Jornal Urtiga. Nesta matéria são citadas cinco fontes diretas. Todas ligadas ao meio ambiente ou a questões e assuntos relativos a ele, portanto, qualificadas para falar do assunto, mas restritas a um mesmo grupo social, com interesses específicos. Apesar disso, a matéria soube usar das fontes de informação como recurso para se aproximar da realidade representada com uma pluralidade de pontos de vista sobre o mesmo assunto.

A análise da produção da ONG Associação Barco Escola da Natureza nota-se um viés institucional das publicações, fato que evidencia o distanciamento da lógica do espaço de comunicação, além da predominância absoluta de temas ligados ao meio ambiente. De um total de dez notícias analisadas, todas possuem como pauta o meio ambiente, apenas quatro das dez notícias citam alguma fonte de informação direta. Verificou-se um total de oito fontes nas quatro matérias onde elas estão presentes. Em uma das matérias, com título “Navios roubam água dos rios da Amazônia”, de 21 de janeiro de 2010 são utilizadas quatro fontes de informação restritas à temática ambiental.

Na Associação Civil Crescer no Campo vê-se que a comunicação da ONG também se faz deficitária. Ela publica seus artigos e textos em jornais locais e rádios de Espírito Santo do Pinhal, cidade na qual a ONG se localiza. Já no site da entidade o que predominam são notícias curtas, diretas, sem qualquer fonte de informação. Além disso, de um total de 15 notícias analisadas todas têm viés institucional. Não há sequer uma pauta ambiental desenvolvida e ilustrada por meio de técnicas próximas da comunicação informativa, o que predomina é uma comunicação meramente



institucional, com divulgação e registro das ações, passeios e eventos que a ONG organiza.

O Instituto Triângulo, ao contrário de outras ONGs analisadas, já encontra-se em um estágio um pouco mais avançado na prática da comunicação. A entidade tem uma revista mensal chamada Ambiente Urbano, além de um site que reproduz o conteúdo da revista, o que já constitui um canal aberto para divulgar suas ações e buscar promover mudanças efetivas no comportamento da sociedade em relação ao meio ambiente. Analisando o site do Instituto Triângulo, fica claro que ele de fato tem uma proposta de comunicação mais amadurecida que outras ONGs ambientalistas, tanto no que diz respeito ao trabalho de apuração, construção e ilustração da notícia com depoimentos de fontes ligadas ao fato narrado, quanto em relação à variedade do tema tratado. De um total de dez notícias analisadas, três delas têm uma pauta que utiliza fontes de informação de maior amplitude. Ou seja, que não se ligam somente à área ambiental, mas também a outras áreas do conhecimento humano. As fontes utilizadas nessas três notícias passaram a representar outros setores da sociedade que dificilmente têm espaço em sites de ONGs ambientalistas. Uma dessas três notícias, com título, “Produtores de Alimentos Orgânicos formam associações”, publicada em seis de janeiro de 2010 contempla na sua pauta um pouco da questão da alimentação, além da questão ambiental que também se faz presente. Como consequência da ampliação da pauta, a matéria traz uma diversidade de fontes de informação, são seis fontes ouvidas, apenas nessa matéria. Estas fontes vão desde ambientalistas e diretores de organizações ambientais, até produtores comuns, agricultores, lavradores e outros. A outra pauta diversificada veio em uma matéria publicada no dia seis de janeiro de 2010, com o título “SP começa a distribuir vacinas contra a Gripe Suína”. Nesta matéria a pauta é saúde, o que também permitiu que outro tipo de fonte de informação fosse ouvida. Vale ressaltar que de um total de dez notícias analisadas, oito delas têm alguma fonte de informação direta e, nestas oito matérias, há um total de quinze fontes utilizadas.

Já no IPÊ (Instituto de Pesquisas Ecológicas) fez-se a análise de onze notícias publicadas no período de setembro a dezembro de 2009. Todas têm como pauta um tema ambiental com viés institucional e apenas em duas delas são utilizadas fontes de informação. A ONG faz a todo momento propaganda de si mesma e de suas ações, não que isso não pudesse ser feito, mas o problema é quando se faz apenas isso.

A MAGOS (Movimento Ambiental Gestão e Organização Social) mantém um site como meio de comunicação e, nas palavras de Adauton Vieira, presidente da entidade,



reconhece a importância da comunicação para as atividades da ONG, no entanto, a MAGOS tem dificuldade para realizar e colocar em prática sua política comunicacional, haja vista o fato de que praticamente não há material informativo no site da entidade para ser analisado.

A Associação Ambientalista Copaíba acredita que o foco comunicacional são ações que levem a cumprir a sua missão ambiental, ou seja, os objetivos locais de reflorestamento. Analisando as notícias publicadas pela ONG em seu site, percebe-se que essa postura se confirma na prática. De um total de quinze notícias analisadas, todas têm temática ambiental e pelo menos oito delas são claramente institucionais, voltadas para as ações da própria ONG. As fontes são sempre personalidades e especialistas ligadas às questões ambientais, portanto, representam apenas um segmento da sociedade. Prova da pequena amplitude das fontes de informação está no fato de que entre essas quinze matérias analisadas, uma mesma fonte foi repetida três vezes, sendo que de um total de treze fontes utilizadas nas quinze matérias, seis delas são fontes institucionais, ou seja, pessoas ligadas à própria ONG Copaíba. Vale ressaltar que das quinze matérias analisadas, apenas em nove delas são utilizadas fontes de informação.

Para o Instituto Ibiosfera, a comunicação é uma prática de extrema importância para divulgar as ações da entidade e também aproximá-la do público, no entanto, não há um trabalho jornalístico possível de ser analisado.

A ONG SOS Cuesta de Botucatu não tem uma política direcionada para a comunicação por falta de recursos financeiros. A entidade mantém um site na internet que veicula notícias majoritariamente institucionais, como é o caso da notícia publicada com o seguinte título “ONG elabora proposta de Plano de Arborização Urbana para Botucatu”, nesta a informação principal é a de que a ONG SOS Cuesta de Botucatu foi convidada pela Prefeitura Municipal da cidade para elaborar uma proposta de arborização urbana. A notícia não cita sequer uma fonte de informação, além disso, restringe a pauta aos temas ligados ao meio-ambiente. Outras informações são referentes a eventos promovidos pela entidade.

A ONG Vale Verde, a partir da análise de algumas notícias publicadas no site da entidade, percebe-se que a ONG aposta na variedade do cotidiano e sabe aliá-la de forma equilibrada às pautas ambientais. No site convivem algumas notícias de temática ambiental, com uma certo viés institucional com destaque para as ações promovidas pela ONG, mas, ao mesmo tempo, também há um espaço para notícias que abarcam outras temáticas do cotidiano e despertam interesse em outros segmentos sociais. Há



notícias sobre os tremores do Haiti que ocorreram no início de 2010, fato que além de ter uma dimensão ambiental também tem uma clara dimensão social e humana; também há uma notícia sobre as consequências da nova gripe (H1N1), que se espalhou principalmente no ano de 2009, além de questões ambientais que resvalam em questões políticas como uma notícia sobre prazo para assinatura do acordo de Copenhage. Vale ressaltar que mesmo entre as notícias mais institucionais, em algumas delas, há uma temática mais abrangente que não se restringe apenas ao meio ambiente, como acontece na matéria "Maquete Vale Histórico", publicada em 4 de junho de 2009, que além do tema ambiental também traz um viés educacional, o que possibilitou uma maior amplitude das fontes de informação. Além de uma ambientalista, também foi ouvida como fonte na matéria uma coordenadora pedagógica. Entre 14 notícias analisadas, seis delas constituem matérias propriamente ditas, as outras oito restantes são pequenas notas sobre acontecimentos do cotidiano, com temas um pouco mais variados. Vale destacar que em uma matéria, publicada em 19 de junho com o título "Reciclagem de óleo", um síndico de condomínio é utilizado como fonte, o que, de certa forma, possibilitou uma representatividade maior a um grupo social que, apesar de afetado pelas questões ambientais, não está inserido especificamente dentro da área de atuação ambiental. Vê-se, nesse caso, que as fontes de informação são diretamente proporcionais à variedade de temas. Se a pauta rompe os limites da temática ambiental, as fontes crescem em amplitude e refletem outras demandas, de outros grupos sociais.

Uma reunião dos dados quantitativos obtidos a partir da análise documental feita - essencialmente qualitativa pode ser traçado um panorama que permite visualizar melhor a predominância da temática ambiental entre a pauta das ONGs ambientalistas. No total foram 93 matérias analisadas dos sites das dez ONGs ambientalistas utilizadas para a pesquisa. Das 93 matérias, 87 têm como temática principal o meio ambiente e questões relacionadas a ele, 41 matérias foram consideradas institucionais, com claro objetivo de refletir a própria entidade não governamental e não a sociedade. No que diz respeito às fontes de informação, objeto principal de análise desta pesquisa, apenas 34 matérias de um total de 93 utilizam fontes de informação.

Gráfico 1 – Porcentagem de matérias que utilizam fontes de informação

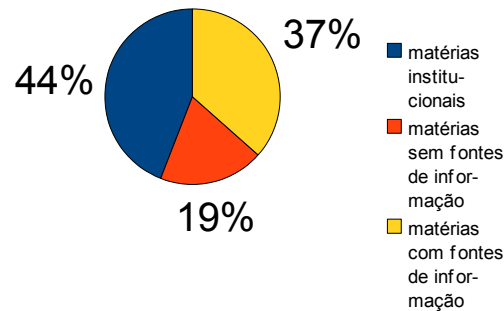
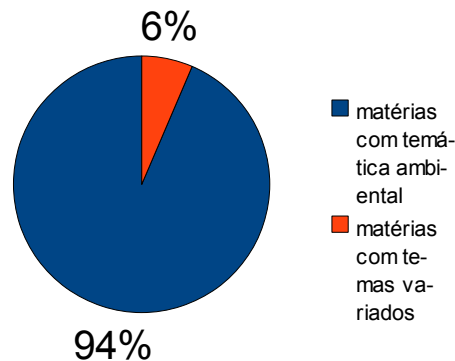


Gráfico 2 – Predominância de pautas ligadas ao meio ambiente



### Considerações finais

A partir da análise das fontes de informação utilizadas na comunicação das dez ONGs ambientalistas acima citadas, conclui-se que raramente seus jornais ou as notícias veiculadas no site tratam de outros temas do cotidiano que dizem respeito, interessam e afetam a vida de muitas pessoas. Pode-se pensar que, obviamente, esta é a lógica comunicacional das ONG ambientalistas, ou seja, falar da temática em que atuam. No entanto, dentro da concepção dos espaços de comunicação, esta lógica é restritiva da capacidade comunicativa. Por exemplo, como consequência desta restrição à abordagem de temas e visível uniformidade e constância do tema tratado, as fontes utilizadas acabam sendo, majoritariamente, as mesmas. A maioria delas, como ficou demonstrado acima, são pessoas ligadas à área ambiental, que ocupam algum cargo público relacionado ao meio ambiente ou professores especializados nessa área, quando não são integrantes da própria ONG e, neste último caso, fazem uma espécie de jornalismo com “auto-entrevista”.



A primeira conclusão que se pode tirar portanto da análise das fontes é que estas são restritas a um certo grupo social, a uma certa faixa de interesse, representam apenas um número reduzido de pessoas e não uma parcela mais ampla da sociedade. Outro ponto a ser destacado diz respeito à falta de fonte em matérias. Muitas se apresentam sem fontes, apenas com declarações indiretas ou referência a dados que em sua maioria já haviam sido usados por outros meios de comunicação. Verificou-se também que o número de fontes indiretas é maior que o número de fontes diretas, bem como o número de matérias sem fonte é maior do que o número de matérias nas quais buscou-se recorrer ao depoimento de pessoas ligadas ao assunto tratado.

Diante desse quadro, pode-se concluir que as fontes de informação, objeto essencial, básico e imprescindível para que ocorra uma boa comunicação, o mais isenta e próxima possível da realidade, não foram utilizadas com muita frequência pelas ONGs analisadas. Quando utilizadas, eram sempre porta-vozes dos anseios e problemas de um mesmo grupo social.

Quando se pensa na lógica dos espaços de comunicação, o fato de a amplitude das fontes de informação ser pequena, reduzida a um único segmento da sociedade – aquele ligado às questões ambientais – já exclui a possibilidade de as ONGs ambientalistas constituírem espaços de mediação social. A lógica do espaço mediador é a de estabelecer um diálogo amplo na sociedade, abarcar uma variedade de interesses, classes sociais, oferecer um pouco de tudo aquilo que faz parte do tecido social e afeta a vida das pessoas que o tecem todos os dias.

Como dissemos, o foco principal de uma ONG ambientalista é o meio ambiente, mas essa é uma atividade fim que não pode subjugar às possibilidades comunicativas com a sociedade. No momento em que há essa subjugação da comunicação, as ONGs tornam-se incapazes de se utilizarem de todo o potencial comunicativo e do conhecimento histórico presente na atividade jornalística. As possibilidades são inúmeras dentro da comunicação e não se trata de eliminar a temática ambiental, muito pelo contrário, a essência e proposta do espaço de comunicação se pautam acima de tudo pela polissemia; o que pode ser feito, portanto, é somar, não eliminar.

Apenas como exemplo é possível já enxergar algumas mudanças. Em uma das ONGs ambientalistas analisadas nesta pesquisa, a AIPA, na edição 155 do Jornal Urtiga, uma matéria foi publicada com o título de Vítimas da Guerra. Ao ler a matéria, percebe-se o trabalho e desenvolvimento de uma pauta com uma linha mais ampla. No texto, que fala sobre vítimas da guerra estão presentes alguns problemas e temas ligados



ao meio ambiente, mas também aparecem temas políticos, econômicos, sociais e históricos. Mas, talvez o melhor exemplo de diversificação de pautas e fontes de informação esteja na notícia publicada no dia 14 de dezembro de 2009, no site da ONG *Instituto Triângulo de Desenvolvimento Sustentável*, com o título “Música para brindar a chegada do verão”. A matéria traz como fato principal a notícia de um show do grupo *Suburb Blues*. A fonte de informação utilizada na notícia é um músico, integrante da banda, ou seja, uma fonte totalmente diversa da que até agora se viu nas notícias publicadas nos sites das ONGs ambientalistas analisadas.

O excesso monotemático é capaz de ofuscar e, paradoxalmente, é na relação com o outro que se constrói a existência. Na perspectiva do espaço de comunicação, a questão ambiental se torna mais presente e se encontra refletida e interagindo com o agir e pensar de processos e práticas múltiplos da sociedade contemporânea. Daí, talvez o fato de existirem hoje em dia tantas ONGs ambientalistas e as mudanças em relação ao meio ambiente serem tão pequenas. A comunicação que as ONGs estabelecem com a sociedade não alcançou toda sua potencialidade e, talvez por isso, mudanças efetivas de conduta e de opinião sejam ainda incipientes.

#### Referências bibliográficas

- CORTEZ, G.R. O Espaço da Comunicação: por uma teoria do espaço mediador social. Tese de Doutorado. IFCH/Unicamp, Campinas, 2005.
- IBGE. As fundações privadas e associações sem fins lucrativos no Brasil: 2002/IBGE, Gerência do Cadastro Central de Empresas. Rio de Janeiro: IBGE, 2004. 148p. Estudo realizado em parceria com o Ipea, Abong e Gife.
- SANTOS, M. A Natureza do *Espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. Edusp, SP, 2002.
- LAGE, Nilson. A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. 6ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2006. p.49 -71
- ERBOLATO, Mário L. Técnicas de Codificação em Jornalismo. 5ª Ed. São Paulo: Ática, 2006. p. 183 – 188
- TÓFOLI, Luciene. Ética no Jornalismo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008
- MEDINA, Cremilda. Entrevista O Diálogo Possível. 4º Ed. São Paulo: Ática, 2004
- PENA, Felipe. Teorias do Jornalismo. São Paulo. Ed. Contexto, 2005
- KOVACH, Bill ; ROSENSTIEL, Tom. Os Elementos do Jornalismo. 1º Ed. São Paulo: Geração Editorial, 2003
- FOUCAULT, Michel. A Ordem do Discurso. 18º Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009

